

Collor vai a Paris mas Mitterrand não o recebe

Norma Couri
Correspondente

LISBOA — O supersticiosíssimo Fernando Collor de Mello se levanta hoje com o pé direito, já em Paris, para um encontro com o primeiro-ministro Michel Rocard, pois, às vésperas das comemorações para o bicentenário da Revolução Francesa, não foi possível arrumar espaço na agenda do presidente François Mitterrand. Collor reage irritado às insinuações de que Léonel Brizola — com seu veloz jatinho antecedendo o adversário na Europa onde quer que vá — teria boicotado o encontro. “Seria injusto com o governo francês julgá-lo tão pouco sério a ponto de submeter-se a interferências externas”, diz.

Ele chega, no entanto, com as batérias aquecidas da estada de três dias em Lisboa, onde só reclamou de não ter tomado nem um cafezinho durante uma hora e 15 minutos, tempo em que durou a audiência com o primeiro-ministro Cavaco Silva. De resto, saboreou ontem torta de camarão, carne estufada com legumes, sonhos, morangos e muito vinho no almoço para 10 pessoas oferecido pelo presidente Mário Soares que, sem ter com Collor os vínculos literários partilhados com o presidente José Sarney, nem as sólidas alianças socialistas vividas no exílio com Leonel Brizola, brindou com ele “pela democracia do Brasil”.

Camisa azul — “Vim aqui para aprender”, respondeu Collor a Soares. “O senhor é a figura mais respeitada do Brasil.” Em seguida afirmou, como se buscasse aliança: “É preciso não permitir que a crise leve o povo brasileiro a ter saudades da ditadura.” Se, imagina-se, Collor foi o prato principal de Leonel Brizola no jantar privado do restaurante Bachus com Mário Soares, há quatro dias, o governador alagoano garantiu não ter tocado em “política interna” durante

seu almoço com o presidente português.

Collor não usou as camisas azuis da sorte nos três dias de Portugal, o que deixa claro sua determinação de não fazer campanha na Europa e nem tentou explicar sua rápida ascensão na política brasileira. “Fenômeno não se explica”, disse, ajeitando o jaquetão cujo corte ele mesmo chamou, brincando, de “modelito Sarney”. Nega, por outro lado, que esteja aprumando seu guarda-roupa europeu em função do voto feminino. “As pesquisas mostram que ele vai para Ulysses Guimarães. Desisti de entender as mulheres.” Ainda que mal agendado — coincidiu em Portugal com o dia das eleições para o parlamento europeu, na França com as comemorações do bicentenário francês e na Itália com o feriado do Dia de São Pedro — o passeio pela Europa não parece tão mau para Collor. Primeiro, ele já encontrou-se com Mário Soares, e só faltam dois primeiros-ministros, em socialista, outra conservadora, para fechar o capítulo dos políticos que mais desejaria conhecer na Europa: o espanhol Felipe Gonzalez e a inglesa Margaret Thatcher, ambos com audiências marcadas para o início de julho. Depois, ele retorna um mês antes do dia 12 de agosto, quando fará 40 anos e garante, assim, uma *tournee* europeia ainda *jovem* — quer dizer, ainda na casa dos 30, além de fugir daquele período que antecede o aniversário, tido como o pior do ano para os adeptos da astrologia.

“Volto antes do meu *inferno astral*”, disse Collor antes de embarcar para Paris, levando com cuidado na bagagem os documentos enviados a seu Hotel Lisboa pelo médium Ivan Telha — que reza atualmente por Cazuza numa pirâmide em Quito — nos quais garantiu em Portugal ao presidenciável de maior preferência eleitoral, até agora a certeza de vencer a eleição.